



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

## O TRABALHO COM GRUPOS OPERATIVOS DE ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR<sup>1</sup>

THE WORK WITH ADOLESCENTS' OPERATIVE GROUPS IN THE SCHOLARLY CONTEXT

Fernanda Aparecida Szareski Pezzi<sup>2</sup>, Cleidi Aparecida Lima Pinto<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido em uma escola municipal do noroeste do Estado do RS.

<sup>2</sup> Psicóloga, Mestre em Psicologia, Doutoranda em Educação nas Ciências (UNIJUI), Bolsista Capes.

<sup>3</sup> Pedagoga, Professora do Atendimento Educacional Especializado.

### RESUMO

O objetivo deste estudo consiste em compartilhar o trabalho desenvolvido a partir de grupos operativos com adolescentes de uma escola municipal do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de um relato de experiência profissional, fundamentado nos referenciais teóricos da psicologia grupal e da adolescência. Destaca-se que os grupos no contexto escolar constituíram-se como um importante espaço para que os adolescentes pudessem expressar suas emoções, falar sobre essa etapa da vida e serem escutados sem julgamentos. Acredita-se que essa é uma ação educacional preventiva que contribui para potencializar o desenvolvimento dos adolescentes e cuidar da sua saúde mental.

**Palavras-chave:** Adolescência. Grupos operativos. Psicologia grupal. Escola.

### ABSTRACT

This study aims to share the work developed from operative groups with adolescents from a municipal school in the Northwest of the state of Rio Grande do Sul. This is a professional experience report, based on theoretical frameworks of group psychology and adolescence. It highlights that the groups in the school context constituted an important space for adolescents to express their emotions, talk about this stage of life, and be listened to without judgment. Moreover, it is believed that this is a preventive educational action that contributes to enhancing the development of adolescents and taking care of their mental health.

**Keywords:** Adolescence. Operative groups. Group Psychology. School.

### INTRODUÇÃO

A adolescência é caracterizada por uma série de mudanças físicas, psicológicas e sociais (ABERASTURY, KNOBEL, 2008; PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2013). De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990) ela compreende dos 12 aos 18 anos, enquanto que a Organização Mundial da Saúde – ONU estabelece a faixa etária dos 10 aos 19 anos (BRASIL, 2018). Neste sentido, muito mais do que a definição de um tempo



específico, alguns autores têm entendido a adolescência a partir de um viés sociocultural, uma vez que cada cultura estabelece os marcos entre a infância e a vida adulta (CALLIGARIS, 2002; COUTINHO, 2009).

Calligaris (2002) destaca que o começo da adolescência é facilmente observável, por se tratar da mudança fisiológica produzida pela puberdade, através da transformação do corpo que adquire atributos do adulto. Essa mudança faz com que o sujeito precise se adaptar tanto do ponto fisiológico, como psicológico, pois é necessário constituir uma nova imagem de si. Porém, além desse processo individual, se coloca na sociedade a condição de que o adolescente seja reconhecido na cultura enquanto adulto, se impondo a seguinte questão: Como se sai da adolescência?

O autor complementa dizendo que o equivalente da adolescência, em outras culturas, é um rito de iniciação, eventualmente acompanhado de algumas provas. Por mais duras que possam ser essas provas, elas sempre serão mais suportáveis do que essa moratória moderna, que o autor entende como a adolescência. Mesmo que o corpo (maturação) já esteja preparado, ainda é necessário que o adolescente permaneça mais um tempo sob a tutela dos adultos a fim de que seja considerado adulto. Assim, o adolescente acaba vivenciando a) sentimentos e comportamentos reativos, de rebeldia a uma moratória injusta; b) o inexplicável dever de ser feliz, já que vive uma época da vida por todos idealizada; c) a espera, pois não sabe quando e como vai poder sair de sua adolescência (CALLIGARIS, 2002).

Diante dessas questões, a escola se coloca como um importante espaço social em que o adolescente vai vivenciar essa etapa da sua vida e os sentimentos decorrentes desse processo. Aberastury e Knobel (2008) ao falar sobre a síndrome normal da adolescência afirmam que trata-se de um momento em que o adolescente está em busca da sua própria identidade e de si mesmo e a tendência grupal surge como uma transição necessária para alcançar a individualização adulta, assim após vivenciar esse fenômeno grupal, de identificação com o outro, o adolescente poderá separar-se da turma e assumir sua própria identidade.

Desse modo, os grupos ocupam um lugar importante nesta fase da vida, em que através da identificação o adolescente consegue expor e falar sobre as suas questões. Ao referir sobre a psicologia grupal, Zimerman (2000) destaca que os grupos são realizados em diferentes contextos, a exemplo da escola. Os grupos operativos, como uma modalidade de trabalho, possuem uma abrangência bem vasta tendo uma ampla utilização. Como proposto por Pichon-



Rivièri (2000) eles centram-se numa tarefa e, como o próprio criador refere, são um instrumento de trabalho, um método de investigação e cumprem, além disso, uma função terapêutica. (PICHON-RIVIÈRI, 2000).

Diante do exposto, questiona-se: Como se dá a vivência com grupos de adolescentes? É possível realizá-los no contexto escolar? A partir destas questões que se colocaram para as próprias autoras deste estudo mediante a grande demanda para atendimento dos adolescentes no espaço escolar, é que esse estudo se produz enquanto um relato de experiência. O objetivo dessa escrita consiste em compartilhar o trabalho desenvolvido a partir de grupos operativos com adolescentes de uma escola municipal do noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um relato de experiência profissional a partir do trabalho desenvolvido pelas autoras com adolescentes em uma escola pública municipal do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Para fundamentar o relato foram utilizados referenciais da psicologia grupal, bem como da adolescência.

Os grupos com adolescentes iniciaram no ano de 2016, com periodicidade quinzenal, sendo realizados na própria escola, nas sextas-feiras. A escola municipal em que eles são desenvolvidos é uma escola que possui mais de 400 alunos, em uma região do município que apresenta um quadro de muita vulnerabilidade social. Diante da imensa demanda por atendimentos na área da psicologia e de dificuldades de aprendizagem e/ou déficits cognitivos, os grupos surgiram como uma possibilidade de dar um espaço e escutar esses adolescentes. A coordenação dos grupos é exercida por uma psicóloga escolar e uma professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A escola ocupa um papel primordial na vida da criança e do adolescente, exercendo influência no desenvolvimento dos seus alunos. Outeiral (1997) considera que são três elementos que constituirão o tripé educacional sendo: aspectos constitucionais do sujeito, vínculos familiares e o ambiente escolar. De acordo com o autor, conforme for esse ambiente ele poderá favorecer ou não o desenvolvimento das potencialidades de seus aprendizes.



Assim, a escola enquanto uma instituição social é um espaço regido por regras e normas, responsável pela educação formal dos alunos através de um currículo. Porém mais do que isso, nela encontram-se sujeitos vivenciando o seu desenvolvimento numa perspectiva biopsicossocial.

A adolescência via de regra é conhecida como um momento de crise em que muitas questões surgem e que o adolescente precisa resolvê-las. Como referem Papalia, Olds e Feldman (2013) a principal tarefa da adolescência está vinculada a formação da identidade, que envolve a resolução de três questões: a escolha de uma profissão, a adoção de valores e a identidade sexual. Desse modo, apesar dos conflitos e das incertezas dessa fase é preciso que o adolescente desenvolva a maturidade, o caráter e a personalidade adulta (ABERASTURY; KNOBEL, 2008)

Os grupos de adolescentes surgiram neste contexto em que constatou-se que muitos alunos nesta idade, apresentavam questões comportamentais, emocionais e de aprendizagem, e que precisavam ser escutados e ter um espaço para falarem sobre os seus conflitos e incertezas. Entretanto, enquanto coordenadoras, sabíamos que precisaria ser um momento planejado e, mesmo sem saber ao certo como se efetivaria na prática, iniciamos essa experiência.

Yalom (2006) alerta que antes de reunir o grupo, há uma série de decisões que devem ser tomadas pelo coordenador do grupo, há saber: o local em que acontecerão as reuniões, qual será o tamanho do grupo, sua duração, sobre a entrada de novos membros, a frequência e a duração de cada encontro. Amparadas nessas orientações, planejamos o início do grupo. A começar com uma reunião com a equipe diretiva para decidir em conjunto quem seriam os participantes, qual seria a sala utilizada para os encontros e o dia em que eles seriam realizados. Optou-se desta forma, por fazer um grupo misto (de meninos e meninas), com no máximo 12 participantes, que envolvesse alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e realizar os encontros na sexta-feira pela manhã, quinzenalmente, no turno de aula dos alunos, com revezamento de horários a fim de favorecer a participação deles e não prejudicá-los nos conteúdos escolares. Além disso, o grupo teria a duração de 50-60 minutos e aconteceria por semestre letivo.

Na sequência, como se tratavam de adolescentes, decidimos fazer um grupo com os pais e/ou responsáveis para apresentar a proposta de trabalho. Convidamos individualmente cada adolescente e encaminhamos o convite aos seus pais, muitos adolescentes neste momento



mostraram-se apreensivos, pois tinham um certo receio de qual seriam os assuntos com os pais, visto que muitas das situações e conflitos vinham de situações e vivências familiares, tranquilizamos e falamos da importância familiar neste processo e que não seriam expostas situações individuais neste encontro, mas necessidades e propostas de organização como um todo. Para nossa surpresa e decepção, no dia do encontro dos pais não tivemos a participação dos mesmos, comparecendo apenas uma família. Diante desta questão, não desistimos da nossa ideia, pois sabíamos que muitas questões familiares se colocavam para os adolescentes que havíamos selecionado para participar do grupo.

Desse modo, optamos por encaminhar bilhetes em forma de autorização, explicando a proposta e solicitando a assinatura de quem poderia participar, abrindo para as famílias nos procurarem individualmente conforme as possibilidades de cada uma, algumas nos procuraram e também expuseram suas dores e conflitos que refletiam em seus filhos no contexto escolar, foi um momento de acolhida. Assim, garantimos a participação dos nossos adolescentes, aqueles que os pais vieram e autorizaram presencialmente e também os que apenas assinaram a autorização e agendamos o primeiro encontro do grupo.

Para garantir a participação e envolver os adolescentes na tarefa do grupo, relacionada a vivência da adolescência, escolhemos partir sempre do uso de um disparador temático, que consistia em uma dinâmica, um texto, poema, uma música, um vídeo a partir do qual todos os participantes operavam na tarefa proposta para aquele encontro. Após esse momento inicial, os adolescentes se sentiam a vontade para trazer suas questões conforme o que lhes incomodava naquele momento.

Os primeiros encontros de cada grupo, eram destinados para a acolhida dos integrantes, construção das regras do campo grupal e dos vínculos entre os participantes e as coordenadoras e entre os próprios participantes. Destaca-se que ninguém era obrigado a participar, assim só ficava nos encontros quem queria. Ao longo desses anos, vários grupos se constituíram e não houveram desistências, mas sim filas de espera criadas pelos próprios adolescentes da escola, que ao saber da existência do grupo solicitaram para participar dos encontros.

Neste sentido, o grupo trouxe uma série de aprendizados para nós enquanto coordenadoras que compartilhamos neste relato. Destaca-se inicialmente a importância de envolver os adolescentes como protagonistas da sua atuação grupal. No primeiro encontro, além da utilização de um disparador de acolhimento, a exemplo da dinâmica com o novelo de lã em



que cada um se apresenta e fala de si (formando uma grande teia), é destinado um momento em que os adolescentes vão criar o nome e as regras do grupo, que envolvem o sigilo sobre o que é dito nos encontros, a entrada ou não de novos membros e tudo o que eles acharem pertinente descrever. Sobre a participação em geral optamos por estabelecer grupos fechados, desse modo todos sabem que até o terceiro encontro é o momento de definição dos integrantes, após esse momento o grupo se fecha e se abrirem vagas ao longo do semestre só entra um novo integrante com o consentimento de todo o grupo, caso contrário se permanece na configuração atual até o final.

Neste processo, são muitas as memórias que essa vivência nos oportunizou. É interessante notar que a partir do momento que o campo grupal se forma emergem muitas questões subjetivas que podem ser trabalhadas no grupo (ZIMERMAN, 2000). Destaca-se a importância da dupla de profissionais para coordenar o grupo, uma vez que em alguns momentos é preciso que haja uma recondução do grupo, ou por exemplo quando um adolescente sai da sala e precisa de um suporte individual é possível, já que um coordenador fica com o grupo. Além disso, em muitos momentos emergem assuntos difíceis que em conjunto pode-se dar uma melhor condução.

No grupo emergem muitos papéis (porta-voz, sabotador, bode-expiatório, entre outros) como descrito por Pichon-Rivièri e neste sentido também é necessário que os grupoterapeutas estejam atentos para manejar esses comportamentos de forma que não coloque em risco a manutenção do grupo. Um dos aspectos interessantes de ser mencionado é o fato de ter lideranças positivas no grupo. Como já dito, inicialmente os alunos que foram convidados a participar tinham problemas específicos e muitas vezes sérios problemas de conduta ou de comportamento no ambiente escolar. Contudo, ao saber da existência do grupo alunos considerados pelos professores como “excelentes” solicitaram para participar. Enquanto coordenadoras, não vimos objeções e percebemos como algo muito positivo, uma vez que esses alunos trouxeram suas questões, mas também atuaram como exemplos positivos, que na sua posição de adolescentes através das suas falas auxiliavam os colegas.

Percebemos um grande engajamento dos adolescentes realmente nos constituímos enquanto grupo, visto que nos encontros eram abordados e emergiam diversos assuntos e relatos que expunham as dores, traumas, as fragilidades de cada um. Embora, na sua maioria, os adolescentes integrantes apresentavam inúmeras questões comportamentais na escola, estes em



nenhum momento extra grupo expuseram os assuntos ou colegas em relação às suas vulnerabilidades, um se identificava com a dor do outro e juntos buscavam novas possibilidades de viver e sonhar.

Neste sentido, destaca-se que de acordo com Pichon (2000) cada um de nós possui um Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO) individual, que é constituído pelos nossos valores, crenças, medos e fantasias. No grupo operativo dialogamos com os outros, ou melhor, com os ECROs dos outros, e levamos também nosso ECRO.

Como nem sempre explicitamos os nossos ECROs o nosso diálogo pode ser dificultado e assim podem surgir os conflitos. Quando se está trabalhando em grupos, a realização da tarefa estabelecida pode ser dificultada pelas diferenças de ECROs que estão em jogo. Contudo o autor destaca a importância da construção de um ECRO grupal. Este ECRO seria um esquema comum para as pessoas que participam de um determinado grupo – sabendo o que pensam em conjunto – poderem partir para agir coletivamente com o esclarecimento das posições individuais e da construção coletiva que favorece a tarefa grupal.

Diante das considerações apresentadas, das nossas aprendizagens e memórias enquanto coordenadoras, destacamos que como relata Yalom (2006) são muitos os fatores terapêuticos envolvidos na vivência grupal, como por exemplo, a instilação de esperança e a universalidade, uma vez que os adolescentes percebem que não estão sozinhos e que os colegas também vivenciam as mesmas questões. Daí a importância do compartilhar, falar e escutar, dividir medos, anseios e sonhos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir desse relato de experiência profissional compartilhamos nossa vivência com os grupos operativos de adolescentes no contexto escolar. Entendemos que a constituição desse espaço na escola foi fundamental para que os adolescentes conseguissem expressar suas emoções, falar sobre esse momento da suas vidas e serem acolhidos em suas necessidades, bem como escutados sem preconceitos.

Como postulado pela psicologia grupal, os grupos operativos mostram-se como um recurso importante e que propicia muitos benefícios terapêuticos. Destaca-se a partir da nossa experiência a importância da dupla de coordenadores, a organização prévia e planejamento do grupo e dos encontros, bem como a importância de acreditar e gostar de trabalhar com grupos



e com os adolescentes. Por fim, acreditamos que os grupos constituíram-se como uma ação educacional preventiva que trazem contribuições para o desenvolvimento dos adolescentes, especialmente como uma ação de cuidado da sua saúde mental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: CBIA, 1990.

BRASIL. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

COUTINHO, L. G. **Adolescência, cultura contemporânea e educação**. Estilos da Clínica, XIV(27), 134-149, 2009.

OUTERIAL, J. O. O trabalho com grupos na escola. In: ZIMERMAN, D. E.; OSORIO, L. C. (Org). **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 359 – 372.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PICHON-RIVIÈRI, E. **O Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

YALOM, I. D. **Psicoterapia de Grupo: teoria e prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.